

A Experiência da Disciplina de Radiojornalismo na Universidade Federal do Tocantins¹

Valquíria Guimarães da SILVA²

Sarah Tamioso MESQUITA³

Universidade Federal do Tocantins, Palmas, TO

Resumo

O presente artigo apresenta a experiência que vem sendo desenvolvida na disciplina de Radiojornalismo na Universidade Federal do Tocantins. A UFT completou em maio deste ano 15 anos de atuação no Estado e ao longo deste período a disciplina de Radiojornalismo passou por algumas mudanças. Como na maioria das universidades públicas, o laboratório de rádio não conta com uma estrutura tecnológica ideal e a universidade também não contava com uma rádio universitária, tendo a disciplina o papel de proporcionar aos alunos uma prática jornalística. Assim, a disciplina inicialmente desenvolveu suas atividades através da criação da Rádio Poste UFT. Mas, nos últimos dois anos os alunos contam com a Rádio UFT FM (96,9). Experiência essa que tem motivado bastante os alunos no fazer jornalístico radiofônico.

Palavras-chave: radiojornalismo; ensino; rádio poste; rádio UFT FM.

Introdução

O processo de ensino-aprendizagem é complexo em sua natureza e esta premissa não é diferente ao pensarmos no ensino de radiojornalismo como afirma Nélia Del Bianco (2014, pp. 159-160): “para lidar com um espaço naturalmente complexo, é necessário desenvolver um método que possa ir além da simples transmissão de conhecimentos prévios construídos a partir da prática profissional do professor”. E acrescenta:

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonoras do XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação, área de especialização em Estudos dos Media e do Jornalismo pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins, email: vguimaraes@uft.edu.br.

³ Acadêmica do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins em Palmas. Monitora da disciplina de Radiojornalismo no semestre letivo 2017.1. Área de interesse: radiojornalismo e gênero. Email: stamioso@gmail.com.

[...] o professor de radiojornalismo não pode cair no risco de se limitar a cumprir o conteúdo programático de modo artificial e burocrático. Ao contrário, assumir a visão interdisciplinar, relacionando o conteúdo da disciplina com outras dentro da grade curricular, colabora para uma visão integrada do processo de formação dos alunos. (DEL BIANDO, 2014, p.160)

Maluly (2013, pp. 13-19) assume que o ensino determina a base para o desenvolvimento e a formação de comunicadores que possam estar atentos às necessidades dos ouvintes e que as pesquisas sobre o ensino da comunicação são fundamentais para a mudança estrutural das disciplinas voltadas ao radiojornalismo. Para ele os métodos de aprendizagem geralmente são engessados com a reprodução dos padrões existentes e já consolidados nas emissoras de rádio. Del Bianco (2014, p. 161) acrescenta que:

No ensino de jornalismo, a competência básica a ser desenvolvida não se limita a ter habilidades para assumir tarefas rotineiras numa empresa de comunicação ou aprender a redigir corretamente uma matéria jornalística para qualquer veículo ou suporte. O processo envolve, também, dominar informações e conhecimentos e, ao mesmo tempo, mobilizá-los e aplicá-los de modo pertinente a diferentes situações.

Para Luciano Maluly (2013, p. 22) “o ensino do radiojornalismo está caracterizado por diferentes correntes teóricas, sendo determinante a oposição existente entre as que o colocam como meio de interação e as que o restringem a uma possibilidade técnica, condicionada apenas às transmissões dos assuntos do cotidiano”. E acrescenta que “os debates em torno da notícia, como a interatividade, o acesso ao conhecimento, formam o eixo para o ensino do radiojornalismo”.

Nossa identificação teórica é, pois a que concebe o radiojornalismo como uma forma de interação e nos embasamos ainda nos ensinamentos de Bertolt Brecht (2005 [1932]), para quem a produção radiofônica deveria se aproximar mais dos acontecimentos reais e não se limitar à reprodução ou à informação. Segundo o autor, os radialistas deveriam preparar diante do microfone entrevistas reais e não resenhas mortas. Isso, diz ele, é o que configura o rádio como um meio de comunicação e não meramente de transmissão.

Maluly (2013) ressalta que a interferência do pensamento de Brecht nos estudos sobre radiojornalismo é clara na defesa da interatividade como característica intrínseca

ao rádio. Suely Maciel (*apud* MULALY, 2013, p. 24, *grifos da autora*) também destaca esta característica:

[...] entende-se que a interatividade no rádio não depende exclusivamente dos aparatos tecnológicos para se efetivar. Eles servem para facilitá-la e torná-la mais explícita, trazê-la para o plano concreto, do ‘audível’. As trocas e a mútua influência discursiva entre os interlocutores nesse tipo de comunicação sempre ocorrem e isso é intrínseco ao discurso radiofônico. Pode-se afirmar, assim, que a interatividade também é uma característica do rádio a se somar às pertinentes discutidas por Gisela Ortriwano (1985, p.78-83). Afinal, a interatividade, pensada como relação mútua ativa entre os sujeitos do processo comunicacional, é característica de toda comunicação discursiva. Ela não figura apenas na conversação, pois o destinatário, ainda que não ‘fale’, sempre se mantém numa posição responsiva ativa e, dessa forma, atua diretamente na configuração do enunciado. Interatividade é diálogo, restrito ou ampliado.

Foi em busca de concretizar estes ensinamentos e de contribuir para a compreensão do ensino de radiojornalismo enquanto processo reflexivo/interativo mais do que meramente técnico e/ou de transmissão de informação que concebemos a disciplina de radiojornalismo da UFT dentro dos moldes que apresentaremos a seguir.

A Disciplina de Radiojornalismo

O curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Tocantins, passou por um processo de reestruturação do seu Projeto Pedagógico do Curso, atendendo as exigências da Resolução CNE/CES N° 1, de 27 de setembro de 2013, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de bacharelado em Jornalismo. A nova matriz curricular entrou em vigor no primeiro semestre letivo de 2015 e o curso desde então é bacharel em Jornalismo, não mais como uma habilitação da Comunicação Social.

Antes da mudança para a nova matriz curricular, a disciplina de Radiojornalismo possuía uma carga horária de 60 horas, o que dificultava muito a realização dos trabalhos práticos da disciplina, uma vez que só encontrávamos os alunos em sala de aula uma vez por semana. Acontece no quarto período do curso e tinha como pré-requisito a disciplina de Fundamentos Teóricos da Produção em Rádio. Com a mudança curricular, passou a ter uma carga horária de 120 horas, permitindo, assim, dois encontros semanais, tendo agora como pré-requisito a disciplina Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalísticas.

Apesar de, anteriormente, só encontrarmos os alunos uma vez por semana, conseguíamos desenvolver a produção de programas radiojornalísticos, cumprindo o objetivo geral da disciplina, que é possibilitar ao aluno ter conhecimento suficiente para elaboração de programas radiojornalísticos, o domínio da técnica de reportagem para o rádio, assim como os objetivos específicos, a saber: conhecer técnicas de reportagem radiofônicas; aprender técnicas de entrevistas e edição para o rádio e produzir programas de rádio.

Como estratégia para um melhor desenvolvimento e acompanhamento individual foi solicitado à coordenação do curso a abertura de duas turmas de radiojornalismo, com, no máximo, 25 alunos, no lugar de uma com 40 alunos. Assim, de 2007 até 2015 a disciplina foi desenvolvida dividindo-se em duas turmas. Já a partir do primeiro semestre letivo de 2015, com a nova matriz curricular, passamos a ter uma única turma de radiojornalismo com no máximo 40 alunos e com dois encontros semanais. Tanto antes da mudança como agora, a disciplina vem sendo desenvolvida em dois momentos.

No primeiro momento os alunos são preparados para a produção do radiojornal. Discute-se a importância da pauta, que, como alerta Marcelo Parada (2000), é fundamental para compreender o desafio de não transformar a rádio de notícias em refém dos acontecimentos do dia, principalmente no nosso caso que o radiojornal é semanal.

Um outro ponto importante diz respeito a entrevista no rádio que pode ser, como apresentam Paul Chantler e Sim Harris (1992), informal, interpretativa e emocional. As técnicas da entrevista no rádio, como a preparação do repórter, os cuidados com os equipamentos, com o local da realização são aspectos trabalhados nessa fase, bem como a reportagem no rádio, sua preparação, técnicas, produção e formas de abertura. A diferença entre o texto mancheteado e o texto corrido, assim como a edição dos programas e das reportagens finalizam esta primeira etapa da disciplina. Também busca-se realizar visitas técnicas às rádios para uma aproximação com a produção local.

Após este momento, as turmas são divididas na sequência das aulas em editores e repórteres. Os editores do programa ficam responsáveis pela entrega das pautas aos repórteres que têm uma semana para a coleta de dados e escrita da mesma. Na aula, todas as reportagens são corrigidas, contando com o auxílio de um(a) aluno(a) monitor(a). Cada repórter/aluno após a correção grava e edita a sua reportagem. Os

editores preparam o script do programa com as manchetes e chamadas das reportagens e depois gravam o programa. Eles próprios podem ser os âncoras ou podem escolher colegas da turma.

Após a gravação, o programa é editado pelo técnico do laboratório seguindo o script produzido pelos editores. O trabalho era finalizado com a transmissão do programa na Rádio Poste UFT. Mas desde março de 2016, com a inauguração da Rádio UFT FM (96,9), a finalização do trabalho acontece com a transmissão do programa toda sexta-feira, às 10 horas da manhã, com repetição aos sábados, no mesmo horário. A cada semestre a turma produz semanalmente o radiojornal Repórter Calango⁴, com 30 minutos de duração, tendo em média de um minuto e meio a dois minutos cada reportagem. Todos os alunos passam pela experiência de serem editores e repórteres dos programas produzidos.

Com este novo espaço proporcionado pela Rádio UFT FM os alunos da disciplina ganharam um estímulo e um desafio maior, pois a cidade de Palmas e regiões vizinhas podem ouvir agora a produção deles, que antes era restrita apenas ao público interno da universidade. Os alunos trabalham todos na produção deste programa semanal, desde a pauta até a edição, e tudo é realizado no laboratório do Curso de Jornalismo, sendo apenas transmitido pela rádio.

Além desta produção semanal, os alunos também devem produzir um programa atemporal com o mesmo tempo de duração, que são muito importantes para a disciplina por gerarem a oportunidade dos alunos demonstrarem suas aptidões com o rádio, de trabalharem com um tema que gostam, com um formato mais aberto, que é o documentário, diferente do programa que é produzido semanalmente na disciplina, que é um radiojornal. Estes programas são transmitidos durante as férias e o período de preparação entre a parte teórica/técnica para a parte prática da disciplina da turma seguinte. Esta foi a estratégia encontrada para ocupar o espaço que conseguimos na grade da rádio educativa. Sabemos que nenhuma emissora, mesmo da instituição, pode ter momentos de silêncio em sua programação. Por isso, procuramos implicar os alunos da responsabilidade sobre este espaço. Desta forma, eles produzem individualmente um

⁴ O nome se dá pelo fato de ser um animal comum na região do cerrado e que se adapta a diversas condições, sendo um sobrevivente, e por isso foi escolhido pelos estudantes, ainda antes da federalização da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) que gerou a UFT, como símbolo/mascote do curso, representando essa resistência, luta e sobrevivência dos alunos da época, que inclusive lutaram para que o Estado do Tocantins tivesse a sua primeira universidade federal. Os atuais alunos do curso decidiram continuar com essa marca, escolhendo para o programa o nome Repórter Calango. O nome calango no plural (CALangos) é o nome do Centro Acadêmico do Curso desde então.

programa especial sobre uma temática escolhida por eles. Todo o processo é discutido na disciplina, desde o tema que será abordado no programa até a construção e gravação do mesmo. Com a instalação da UFT FM, embora continuemos a falar de um programa de estudantes, eles agora têm mais visibilidade, assim como mais responsabilidade, e isso implica num aprendizado mais consciente da prática jornalística, em seus aspectos éticos e cidadãos.

Quando os programas eram transmitidos na Rádio Poste UFT, além de se realizar os radiojornais gravados também proporcionávamos aos alunos a experiência do ao vivo. Como ressalta Scannel (*apud* MEDITSCH, 1999, p. 122, *grifos do autor*):

Rádio e televisão são meios ao vivo. Como o telefone, a fala que eles produzem existe em tempo real: o momento de sua pronúncia e o momento de sua audição constituem o mesmo momento. Nos primeiros dias, tanto do rádio como da TV, todas as transmissões eram ao vivo. Em ambos os casos, o desenvolvimento de tecnologias para gravar a fala chegou consideravelmente depois e embora hoje muitos programas sejam pré-gravados, isto é, feitos para preservar o efeito do ao vivo [...]. O caráter vivo da radiodifusão, o seu senso de existência em tempo real – o tempo do programa correspondendo ao tempo de sua recepção – é um efeito intrínseco ao meio.

Para os programas ao vivo tínhamos desenvolvido sempre programas de entrevistas com um ou mais convidados. Os alunos definiam com antecedência um tema que gostariam de abordar e faziam o convite aos especialistas, às pessoas envolvidas com a temática para a entrevista ao vivo direto do nosso laboratório de rádio. No dia e horário agendados (sempre no dia de aula da disciplina) o convidado era entrevistado ao vivo, com transmissão direta na nossa Rádio Poste. No entanto, com a transmissão do programa pela Rádio UFT FM, e fim da Rádio Poste, já não foi possível desenvolver a experiência do ao vivo. A direção da UFT FM teme pela ousadia dos alunos com o ao vivo e pela falta de controle no momento da transmissão. De 2007 até 2015 foram produzidos mais de 160 programas gravados e mais de 30 entrevistas ao vivo, todos transmitidos pela Rádio Poste UFT. Já de março de 2016 até o presente momento foram produzidos e transmitidos pela Rádio UFT FM mais de 110 programas gravados, incluindo os de notícias e os com temáticas específicas.

A Contribuição da Monitoria na Disciplina

Um aspecto importante no desenvolvimento da disciplina de Radiojornalismo e que tem trazido muitos pontos positivos é a contribuição a cada semestre de um(a) aluno(a) monitor(a). Este aluno(a) já tem que ter cursado a disciplina para poder se candidatar a esta bolsa. A presença do monitor/aluno além de auxiliar a professora da disciplina, proporciona uma integração com a turma e um estímulo para que no semestre seguinte, os que estão cursando a disciplina no momento, possam exercer esta função.

Como forma de melhor apresentar este trabalho, trazemos neste artigo o depoimento da monitória do primeiro semestre letivo de 2017, a acadêmica Sarah Tamioso Mesquita.

Durante a monitoria tive a oportunidade de acompanhar uma turma de quarto período e auxiliar com os conhecimentos que adquiri quando fiz a mesma disciplina no semestre anterior. Tive bastante facilidade com o Radiojornalismo e devido a isso me senti apta a transmitir o que aprendi.

A turma produziu treze edições do programa Repórter Calango. Auxiliei a professora nas correções dos programas semanais e dos programas especiais, feitos individualmente em formato de documentário, no qual o tema era livre e com a mesma duração de 30 minutos. Auxiliei ainda computando o tempo de cada reportagem com o intervalo para que pudéssemos fechar o programa com o tempo correto. Nessa atividade fui capaz de opinar em que reportagens deveriam ser cortadas do programa, quando necessário, para a melhor organização do script, qualidade de áudio e texto e preenchimento do tempo disponível.

Por saírem de uma série de períodos que tratam principalmente do texto para ser lido, os estudantes demonstraram dificuldade em simplificar as notícias, usando, por vezes, palavras rebuscadas e que dificultavam a leitura durante a gravação. A pontuação também foi uma dificuldade encontrada na turma pelo fato de o rádio priorizar as pausas mais do que os textos de jornalismo impresso e de webjornalismo.

Observei ainda problemas de apuração, no qual os estudantes não se atentaram às perguntas básicas do lead (que, quem, como, porquê, quando e onde), mas com o acompanhamento individual da minha parte e da professora, problemas como esses foram sendo sanados. Em contrapartida, foi possível assistir à criatividade dos estudantes na produção dos programas especiais, em que alguns escolheram falar

sobre grandes personalidades, como Silvio Santos, bandas e outros, fazendo uso de humor e descontração na produção, o que se diferenciava das reportagens semanais.

Analizando as aulas, fica evidente a necessidade da monitoria na disciplina de Radiojornalismo, uma vez que são muitas reportagens para serem corrigidas e não haveria tempo suficiente com apenas a professora nessa função, de forma que a qualidade das correções poderia cair, prejudicando o aprendizado da turma. Contudo, a figura de monitora foi também obstáculo em alguns momentos em que alunos rebatiam a sugestão de correção, uma vez que mesmo como monitora continuo sendo estudante, o que me levou a recorrer à professora como máxima autoridade dentro da sala de aula.

É, de certa forma, compreensível que haja alguma resistência inicial por parte dos alunos, mas em geral minhas sugestões foram bem recebidas e acatadas na grande maioria dos casos.

É relevante ressaltar que as entrevistas realizadas por meio do aplicativo WhatsApp facilitam a produção, mas reduzem o aprendizado dos estudantes em relação à experiência jornalística, uma vez que perdem a oportunidade de absorver mais informações sobre determinado tema. No entanto, deve ser ressaltado que a dificuldade de encontrar a fonte pessoalmente se dá pelo fato de a maioria dos acadêmicos serem estagiários ou trabalharem em tempo integral.

Pessoalmente não foi o meu caso, já que no quarto período ainda não havia iniciado as atividades profissionais, o que me proporcionou a disponibilidade de encontrar entrevistados quando solicitado, facilitando a captação de dados e apuração das informações. Ainda no meu período enquanto estudante pude contar com todas as minhas reportagens transmitidas no programa Repórter Calango, o que foi de grande orgulho e satisfação, principalmente pelo sentimento de poder contribuir com o acesso à informação tão cedo no curso de graduação.

O contato com uma atividade de utilidade pública que tenha visibilidade motiva a exercer e cursar jornalismo, uma vez que pode-se observar o retorno dos que acompanham a programação da UFT FM.

Algumas Considerações

É fato que as universidades públicas em especial não conseguem favorecer um ambiente ideal de ensino, especialmente do ponto de vista técnico/tecnológico. Em se tratando de um curso de Jornalismo, esta realidade é ainda mais dramática. Não é objeto deste artigo a discussão política das áreas do saber menos favorecidas em termos de investimento, mas não se pode fugir a esta crítica. No entanto, como foi demonstrado neste artigo, as possibilidades vão sendo desenhadas em função da defesa de um ensino calcado nos princípios éticos e comprometidos com a qualidade. Se não é possível o ideal, que se opere o saber por meio de alternativas possíveis.

No caso da disciplina de Radiojornalismo, a técnica é fundamental. Não há como ensinar o aluno a imaginar uma sonora ou a edição de um radiojornal. Mas o saber fazer rádio depreende, acima de tudo, compreender a linguagem do rádio, suas especificidades, que o tornam um veículo extremamente próximo do público, bastante democrático e, como já dito, altamente interativo. Para isso, não é necessário o estúdio mais moderno, nem a mesa de som de última geração. O que os alunos da UFT estão aprendendo, a despeito de todas as dificuldades circunstanciais da nossa estrutura, é que fazer rádio precisa também de uma boa dose de amor, de respeito a um veículo tão velho-tão novo, que se recria e se adapta.

A disciplina de Radiojornalismo do curso de Jornalismo da UFT, vem, assim, cumprindo com o compromisso de ensinar a fazer rádio dentro desta perspectiva de inserção social, de diálogo e de interação que nos fala Hendy (2000) ao ressaltar a necessidade do rádio ser reconectado como *mainstream* da mídia e aos estudos de comunicação. E como bem questiona Maluly (2013, p.27, *grifos do autor*) “[...] se o rádio é considerado para muitos, um meio *menor* diante dos espaços digitais, em especial a Internet, então por que os empresários, os políticos e os religiosos se interessam tanto pelas emissoras de rádio e por que a política de concessões continua tão estagnada em diversos países?”. O entendimento do real fazer jornalístico supera as deficiências técnicas, colocando em evidência muito mais os princípios e regras do bom jornalismo, que, infelizmente, estão cada vez mais à mercê de uma indústria jornalística de alto poder mercadológico e, cada vez menos imbuído da responsabilidade com a notícia, com o compromisso ético fundante da atividade jornalística.

E apesar de tão pouco tempo de funcionamento da Rádio UFT FM, pouco mais de dois anos, ela já conquistou muita audiência na cidade de Palmas, principalmente, e o Repórter Calango, com o mesmo tempo no ar, também tem conquistado os ouvintes, sendo motivo de orgulho para os estudantes. É inegável o crescimento e motivação dos alunos com a inserção do programa na grade da rádio universitária, mas ainda não chegamos ao ideal como pontua Maluly (2013, p.15) com base em Moraes Júnior (2011):

O ideal seria um projeto que integrasse os profissionais da emissora, os professores e os alunos, com a rádio sendo um espaço de convivência e aprendizado para o desenvolvimento e formação dos futuros radiocomunicadores, entre eles, jornalistas, radialistas, publicitários. No caso do jornalismo, os estudantes participariam de algumas atividades com profissionais da emissora. Seria uma oportunidade para aperfeiçoar os conceitos de radiojornalismo estudados nas disciplinas do curso de graduação, como o planejamento da linha editorial, a produção de reportagens e programas, além da discussão de temas relacionados à cidadania e ao interesse público.

Neste momento a participação dos alunos de Jornalismo na Rádio UFT FM resume-se ao Repórter Calango (que é todo produzido no laboratório do curso) e algumas vagas de estágio remunerado. Com relação aos professores a inserção é ainda menor, ou melhor dizendo, é praticamente nula. Mas, acreditamos no potencial de mudança desta concepção de rádio universitária e numa melhor integração de todos os envolvidos no processo de formação dos alunos de Jornalismo.

REFERÊNCIAS

BARBERO, Heródoto. **Manual de radiojornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio (1927-1932). In MEDITSCH, Eduardo (org.). **Teorias do rádio – textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1992.

CORDEIRO, Paula. **A rádio e as indústrias culturais: estratégias de programação na transição para o digital**. Lisboa, Portugal: Livros Horizontes, 2010.

DEL BIANCO, Nélia. Quando a sala de aula é um laboratório de ensino-aprendizagem de radiojornalismo. In SOSTER, Demétrio; TONUS, Mirna (Orgs.). **Jornalismo-laboratório: rádio**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio – o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto Editores, 2000.

FERRARETTO, L. A.; KLÖCKNER, L. (orgs.) **E o rádio?: novos horizontes midiáticos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

GANZ, Pierre. **A reportagem em rádio e televisão**. Portugal: Inquérito, 2001.

HENDY, David. **Radio in the global age**. Oxford: Marston Book Services Limited, 2000.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. Porto Alegre: AGE: EDIPUC, 2008.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2002.

MALULY, Luciano V. Barros. **O ensino de radiojornalismo: experiências luso-brasileiras**. São Paulo: ECA/USP, 2013.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente da produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo como produto intelectual eletrônico. In DEL BIANCO, Nélia; MOREIRA, Sonia (orgs.). **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília, DF: UnB, 1999.

PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 de jornalismo**. São Paulo: Editora Panda, 2000.

SOUZA, Jorge Pedro; AROSO, Inês. **Técnicas jornalísticas nos meios eletrônicos: princípios de radiojornalismo, telejornalismo e jornalismo on-line**. Porto, Portugal: Universidade Fernando Pessoa, 2003.

WINOCUR, Rosalía. **Ciudadanos mediáticos: la construcción de lo público en la radio**. Barcelona, Espanha: Gedisa, 2002.

ZACARIOTTI, Marluce; SILVA, Valquíria Guimarães da. Radiojornalismo: possibilidades para além da técnica. In SOSTER, Demétrio; TONUS, Mirna (Orgs.). **Jornalismo-laboratório: rádio**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014.